O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 18 | Nº 53 | Boa Vista | 2024

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.11376031

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

TELEJORNALISMO E TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO: UMA MITOCRÍTICA SOCIOAMBIENTAL

Zulenilton Sobreira Leal[1]

Juracy Marques dos Santos[2]

Geam Karlo Gomes[3]

Resumo

Ao longo dos anos, o telejornalismo tem desempenhado um papel significativo na formação de opiniões sobre políticas de conservação ambiental. Além de fornecer informações de utilidade pública, o telejornal também incorpora elementos simbólicos que moldam nossos valores e crenças. Desta forma, este estudo tem como objetivo compreender como esse produto midiático é atravessado por mitos e símbolos e como estes refletem nossas práticas socioambientais. O estudo, de cunho qualitativo, descritivo e documental, analisa duas reportagens televisivas sobre a transposição das águas do rio São Francisco, uma de 2007 e outra de 2017. O método de abordagem foi o indutivo, envolvendo a formulação de conclusões gerais com base em observações específicas. Como procedimento técnico, realizamos uma transcrição dos textos das reportagens e, em seguida, através da Mitocrítica, metodologia desenvolvida nos estudos da Antropologia do Imaginário, interpretamos e identificamos os Mitemas, Mitologemas e a Narrativa Canônica presentes na forma como as notícias são produzidas. Como resultado do estudo, revelamos a influência do mito grego de Prometeu, além do mito indígena de Sumé e do mito Iorubá de Exu nas pautas sobre as questões que envolvem a interação humano-natureza, ilustrando a complexidade das abordagens relacionadas ao progresso e à conservação ambiental. Dessa forma, este estudo interdisciplinar chega a conclusão que as complexas interações entre sociedade e natureza podem fornecer reflexões sobre o papel da cultura e dos símbolos na promoção de ações ecológicas.

Palavras-chave: Antropologia do Imaginário; Práticas Socioambientais; Telejornalismo; Transposição.

Abstract

Over the years, television journalism has played a significant role in shaping opinions on environmental conservation policies. In addition to providing information of public interest, television news also incorporates symbolic elements that shape our values and beliefs. Thus, this article aims to understand how this media product is influenced by myths and symbols and how these reflect our socio-environmental practices. The study, qualitative, descriptive, and documentary in nature, analyzes two television reports on the diversion of the São Francisco River's waters, one from 2007 and another from 2017. The approach method was inductive, involving the formulation of general conclusions based on specific observations. As a technical procedure, we transcribed the texts of the reports and then, through Mythocriticism, a methodology developed in the studies of the Anthropology of the Imaginary, we interpreted and identified the Mythemes, Mythologems, and the Canonical Narrative present in the way the news is produced. As a result of the study, we reveal the influence of the Greek myth of Prometheus, the indigenous myth of Sumé, and the Yoruba myth of Exu in the themes concerning human-nature interaction, illustrating the complexity of approaches related to progress and environmental conservation. In this way, this interdisciplinary study concludes that the complex interactions between society and nature can provide reflections on the role of culture and symbols in promoting ecological actions.

Keywords: Anthropology of the Imaginary; Socioenvironmental Practices; Television Journalism; Transposition.

[1] Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutorando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: niltonredacao@gmail.com

[2] Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: juracymarquespshy@gmail.com

[3] Professor da Universidade de Pernambuco (UPE). Doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: geam.k@upe.br

INTRODUÇÃO

O telejornalismo, enquanto produto cultural, tem evoluído ao longo dos anos para além de simplesmente ser um espaço de produção de informações. Este produto midiático se tornou um ambiente de construção de significados, incorporando técnicas de edição, produção e apresentação de reportagens, mas também se destacando como uma arena de trocas simbólicas em que as narrativas são entrelaçadas com imagens universais carregadas de simbolismo.

Dentro desse contexto, o telejornal desempenha um papel vital e reflete as opiniões e percepções do público em relação a questões socioambientais. Um exemplo concreto dessa relação é a cobertura da transposição das águas do rio São Francisco. Ao apresentar múltiplos aspectos e perspectivas sobre esse fato, seja expondo argumentos favoráveis ou contrários, o telejornalismo não apenas informou, mas também despertou a sensibilidade e engajou a audiência na importância dos debates socioambientais. No entanto, é crucial reconhecer que, por estar intrinsecamente ligado a estruturas socioeconômicas, as narrativas veiculadas por esse meio de comunicação podem tanto promover imagens de cuidado e conservação ambiental quanto reforçar visões antropocêntricas associadas ao consumo excessivo, as quais minimizam a importância dos ecossistemas e a urgência de um maior cuidado com o planeta.

Portanto, nosso objetivo é realizar uma análise da narrativa presente em duas reportagens veiculadas no telejornal, abordando o tema da transposição das águas do rio São Francisco, veiculadas nos anos de 2007 e 2017, compreendendo como o telejornalismo é atravessado por mitos e símbolos que refletem nossas práticas socioambientais.

O *corpus d*e análise é composto por duas reportagens. A primeira é da TV Grande Rio, afiliada à Globo em Petrolina - PE localizada no Sertão Nordestino e banhada pelas águas do rio São Francisco <https://www.youtube.com/@informariosaofrancisco433>. A segunda é do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, com sede no Rio de Janeiro – RJ <https://www.youtube.com/watch?v=9orIe5kMtR8>. A primeira reportagem foi transmitida regionalmente, enquanto a segunda teve um alcance nacional. Todo o material está disponível na plataforma YouTube, o que nos proporciona investigar as representações, os mitos ambientais e as percepções culturais das comunidades, tanto na região do Semiárido, onde o rio é parte integrante do cenário, quanto na cidade de Monteiro, no Cariri Paraibano, que recebeu as águas da transposição, resultando no desvio do curso natural do rio.

Para validar nossas premissas, seguimos o método indutivo, que parte de observações específicas para alcançar conclusões gerais. Como técnica de análise utilizamos a Mitocritica, metodologia da Antropologia do Imaginário que identifica os mitos em narrativas culturais. Nossa pesquisa também é

qualitativa, focando na interpretação dos fenômenos sociais, a exemplo dos mitos e símbolos presentes no telejornal, identificando os significados e os contextos dos eventos. Ao analisar a atmosfera estética, os sentimentos e as emoções compartilhadas, temos uma compreensão mais rica do fenômeno.

A pesquisa também é descritiva, bibliográfica e documental, uma vez que nossas fontes de informação consistem em analisar textos e imagens produzidos por jornalistas e veiculados pelos telejornais da TV Grande Rio, em Petrolina, Pernambuco, e no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, no Rio de janeiro, entre os anos de 2007 e 2017.

Para coleta e análise de dados, foi realizada uma transcrição das reportagens com um recorte temporal de dez anos, a finalidade foi perceber possíveis mudanças na forma de abordar o mesmo tema durante esse período. Ambas as produções também estão inseridas em contextos políticos e socioculturais nos quais apresentam tanto greve de fome e protestos contra a transposição, quanto parte da obra sendo concluída e entregue à população.

No que se refere ao território do código, analisamos matérias jornalísticas onde os signos são organizados para fornecer informações úteis ao público. A gramática do telejornalismo é informativa e de utilidade pública, transmitindo informações recentes sobre o projeto de governo e a greve de fome do Bispo. Contudo, a segunda reportagem destaca enquadramentos e entrevistas de moradores que falam das mudanças positivas trazidas pela transposição das águas.

Considerando o território do meio e os modos de produção, todos os documentos selecionados são audiovisuais (reportagens jornalísticas) exibidos pela TV Grande Rio, afiliada da Globo em Petrolina/PE, e pelo Jornal Nacional da Rede Globo de televisão, com sede no Rio de Janeiro. As produções seguem a lógica do telejornal e têm duração variando entre 1min30 e 2min. Ambas são gravadas durante o dia, em ambientes abertos e com muita luminosidade, destacando as águas do Velho Chico.

No contexto comunicacional da mensagem, as reportagens abordam os protestos contra a transposição do Velho Chico na região do submédio São Francisco, ocorridos de outubro a dezembro de 2007, culminando na greve de fome do Bispo Luís Flávio Cáppio. Em outro contexto, dez anos depois, a segunda reportagem, veiculada em 2017, retrata a alegria da população paraibana com a promessa da transposição sendo cumprida e a água chegando ao Cariri Paraibano. As reportagens chamam a atenção, uma pelo alcance social do protesto, gerando grande repercussão na região do Vale do São Francisco, e a outra pela celebração da chegada da água ao Cariri Paraibano, primeira região fora do percurso natural do rio a receber as águas do rio.

Em relação ao percurso metodológico da Mitocrítica, nossa abordagem seguiu os seguintes passos: para identificar os Mitemas, realizamos leituras e análises detalhadas das reportagens,

considerando não apenas o texto, mas também outros elementos como imagens, cenários e enquadramentos jornalísticos. Em seguida, estabelecemos um quadro onde o foco foi identificar as redundâncias de significados e ideias repetitivas presentes tanto na narrativa quanto nas imagens. Para identificar o Mitologema, traçamos um paralelo com as ideias e situações encontradas nos mitemas. Ao analisar e interpretar esses temas, identificamos um núcleo mítico, um tema universal ligando a narrativa do telejornal a outras histórias com o mesmo teor simbólico presentes em produtos culturais, a exemplo da literatura.

Para encontrar a Narrativa Canônica, buscamos compreender qual o tema ou história se fixou no contexto sociocultural e histórico da região e, por fim, também estabelecemos pontes entre as narrativas do telejornal com obras literárias, a exemplos das mitologias Indígenas, Gregas e Iorubás identificando nessas narrativas uma estrutura simbólica atemporal na forma como o ser humano produz sentidos sobre temas socioambientais.

Após esta introdução, nosso estudo segue a seguinte estrutura: primeiro, apresentamos a Antropologia do Imaginário, discutindo suas estruturas e regimes de imagens. Em seguida, estabelecemos um diálogo entre a Ecologia Humana e o telejornal, destacando os aspectos culturais na construção da narrativa. Posteriormente, analisamos o telejornal como uma Tecnologia do Imaginário. Depois, explicamos nossa metodologia, introduzindo a Mitocrítica para analisar as representações simbólicas. Por fim, investigamos os mitos e símbolos nas narrativas jornalísticas, e sua influência no debate sobre políticas socioambientais.

A ANTROPOLOGIA DO IMAGINÁRIO

Diante desse pensamento, é essencial buscar um equilíbrio que permita integrar matéria e espírito, entendendo o espírito como a energia que anima e dá vida ao concreto. Essa integração é crucial para uma compreensão mais profunda do imaginário humano.

A psicanálise, representada principalmente por Freud (2014) ao romper com a ideia de que as doenças eram exclusivamente físicas e introduzir a importância da mente e do inconsciente, contribuiu significativamente para essa discussão. Freud reconheceu que a mente desempenha um papel fundamental na saúde e no bem-estar, e sua análise dos sonhos e da imaginação como fontes de reflexões e tratamento para doenças mentais foi revolucionária.

Hartman (1950) discute que o interesse de Freud pelas questões da mente e sua conexão com o desenvolvimento da psiquê humana começaram já no final do século dezenove com um estudo sobre o ego. Nessa época, antes mesmo de sua mudança de foco da teoria fisiológica para a psicanálise, Freud já

estava explorando a inter-relação entre corpo e mente. Essa abordagem integral reconhece que a mente não pode ser dissociada do funcionamento físico e emocional do indivíduo. Assim, Freud contribuiu para pesquisas que mais tarde resultariam em investigações mais complexas sobre como as imagens mentais são elementos constitutivos da espécie humana, estabelecendo as bases para estudos mais profundos sobre a natureza da psique e da experiência humana.

Nesse contexto, pesquisadores contemporâneos, como Pitta *et al*. (2023) mergulharam nas profundezas do imaginário revelando que o pensamento mítico/simbólico é uma capacidade intrínseca a nossa espécie, e se manifesta antes mesmo do desenvolvimento da linguagem e da razão discursiva. Essa constatação reforça a importância de reconhecer os mitos, produtos da imaginação, como portadores de um conhecimento ancestral, vivo e dinâmico, que molda nossa compreensão do mundo e influencia a produção de subjetividades. Assim, os estudos da Antropologia do Imaginário propõem uma atitude emancipatória na produção do conhecimento, admitindo que símbolos e mitos, fontes da imaginação, não são criações irresponsáveis da psique, mas sim respostas à necessidade de revelar as mais secretas modalidades do ser.

Um exemplo relevante dessa emancipação da ciência positivista está presente nos estudos que conectam as religiões de matriz africana, como a Umbanda, com a Educação Ambiental (DAVID, 2022). Essa intersecção oferece uma visão única, combinando saberes ancestrais com questões contemporâneas sobre o meio ambiente e a sustentabilidade. Ao reconhecer a importância desses saberes ancestrais e míticos na construção de uma consciência socioambiental podemos promover uma abordagem inclusiva na busca por soluções para os desafios ambientais enfrentados pela sociedade.

Essa perspectiva é reforçada por Durand (2012), ao demonstrar como os estudos dos arquétipos propostos por Carl Gustav Jung (2000), psicanalista suíço cujo trabalho influenciou profundamente a psicologia analítica e estudos culturais, revelam correlações entre as maneiras de agir e pensar do ser humano em diferentes épocas e lugares do mundo.

Ao analisar esses arquétipos em relação às práticas socioambientais, podemos identificar correspondências que enriquecem nossa compreensão das interações humanas com o meio ambiente em diversas culturas. Por exemplo, o arquétipo do herói pode ser reconhecido em ativistas ambientais que se dedicam a proteger ecossistemas vulneráveis ou a combater a poluição. Eles enfrentam desafios e adversidades em nome da causa ambiental, personificando a coragem e a determinação características deste arquétipo.

Já o arquétipo da Sombra (JUNG, 2000) pode ser visto nos padrões de consumo excessivo e na exploração irresponsável dos recursos naturais. Esta sombra representa os aspectos não reconhecidos ou

reprimidos da psique individual e coletiva, refletindo-se em comportamentos destrutivos em relação ao meio ambiente.

Dentro desse contexto, Pavón (2019) destaca a distinção entre imaginação e imaginário como crucial para uma compreensão mais profunda desta área. Ele define a imaginação como uma qualidade individual, uma capacidade criativa pessoal para conceber ideias e imagens. Por outro lado, o imaginário é compreendido como uma faculdade criativa mais ampla e poderosa, inerente ao ser humano, que permite a simbolização e abrange todas as representações humanas (PITTA, 2023).

Essa distinção tem implicações significativas em áreas como educação e cultura. Ao considerar o imaginário como uma faculdade humana fundamental, os estudos da Antropologia do Imaginário (AI) oferecem elementos valiosos para a promoção de uma educação mais ampla e culturalmente sensível (VYGOTSKY, 2008). Além disso, a compreensão do papel do imaginário na formação de símbolos e significados pode enriquecer a análise de práticas culturais e suas interações com a sociedade e o meio ambiente.

Diante do texto acima a um reforço em compreender o imaginário para além do que um simples conjunto de imagens.

> A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado. Nesse aspecto, refiro-me a todo tipo de imagens: cinematográficas, pictóricas, esculturais, tecnológicas. Há um imaginário parisiense que gera uma forma particular de pensar a arquitetura, os jardins públicos, a decoração das casas, a arrumação dos restaurantes, etc. O imaginário de Paris faz Paris ser o que é. Isso é uma construção histórica, mas também o resultado de uma atmosfera e, por isso mesmo, uma aura que continua a produzir novas imagens. (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Como observado na citação acima, o imaginário de um lugar não se limita apenas à sua estética visual, mas permeia todas as esferas da vida social, moldando a maneira como as pessoas pensam, interagem e se comportam em seu ambiente. Num contexto contemporâneo as pesquisas na área do imaginário, confirmam a profunda influência que conjuntos de imagens e representações exercem sobre a sociedade influenciando em questões identitárias e políticas. No livro *Les mythes fondateurs de la franc-maçonnerie* (DURAND; MAFFESOLI, 2024), podemos perceber como os mitos funcionam como narrativas estruturantes que oferecem sentido e coesão aos membros de uma fraternidade, além de refletirem valores e princípios essenciais à uma instituição.

Mas, como compreender esse processo de criação? O processo simbólico não está apenas no nível da subjetividade humana; ele faz parte de um processo biológico e cultural. Em suas pesquisas, Durand (2012) explorou os componentes fundamentais do psiquismo humano, buscando as estruturas profundas arquetípicas que ancoram as representações simbólicas e o pensamento. O objetivo sempre

foi compreender o homem como um produtor de imagens, com a premissa de que é possível identificar geneticamente, em cada indivíduo, vários níveis matriciais na psique nos quais se formam os elementos simbolizantes. Esses elementos representam as forças coesivas que influenciam as atitudes psicofisiológicas, nas quais os padrões símbolo-culturais se originam, ganham destaque, diminuem ou são suprimidos em uma sociedade específica.

Assim, o primeiro conceito para entender o processo da imaginação na Antropologia do Imaginário, é o *schème,* espaço entre o biológico e o cultural. Os *schèmes* fazem parte do aparelho psíquico e biológico dos seres humanos que, ao escolher, combinar e ordenar, dão sentidos às imagens que temos das coisas. Ou seja, na AI, o processo da imaginação é um contrato entre o psiquismo e o aparelho biológico para agir no meio em que vive, porque a produção das imagens começa neurobiologicamente para se manifestar na cultura e vice-versa (CAVALCANTI, 2015).

Durand (2012) elege três gestos que ele chamou de dominantes na formação do imaginário: o postural (verticalidade), o digestivo (descida) e o copulativo (ritmo), que estão relacionados com as representações simbólicas que fazemos do mundo. De acordo com esses estudos, no esquema postural vão surgir as imagens de divisão e combate, paraíso e inferno. Já as imagens da noite, de um colo, de algo oco em seu interior, geram ideias de assimilação e inclusão e vão se encaixar no s*chème* da deglutição. A roda e o vórtice conclamam a uma atividade, um processo mental que exige o *schème* da copulação.

Essas imagens são resultado da interação entre fatores biológicos e impulsos, formando os arquétipos que são padrões universais, suscetíveis a influências conforme contextos sociais, ambientais e culturais. Sendo assim, para Durand (2012) os arquétipos têm raízes em aspectos biológicos e instintivos, não sendo apenas construções culturais, subjetivas, mas também influenciados por fatores orgânicos. Pavón (2019), ao revisitar a obra de Gilbert Durand, também destaca a importância dos símbolos na formação do imaginário humano, representando expressões tangíveis dos arquétipos. Esses símbolos seriam moldados tanto pelo ambiente físico, como clima e vegetação, quanto pelo contexto social, incluindo tecnologia e estrutura familiar. Pressupomos então que a união entre a teoria dos arquétipos de Jung, enriquecida por Durand, e as questões socioambientais destaca como os padrões simbólicos e culturais influenciam nossas percepções e interações com o mundo.

Para ilustrar esse aspecto do símbolo, tomamos como exemplos Aquiles, uma figura mitológica na Grécia, e Antônio Conselheiro, uma figura histórica no sertão nordestino. Enquanto a existência histórica de Aquiles é incerta, o impacto transformador de sua narrativa é inegável. Da mesma forma, Antônio Conselheiro, uma figura real, também simboliza uma força transformadora em seu contexto histórico.

As representações concretas dessas figuras são moldadas por contextos culturais e ambientais distintos, sendo os *schèmes* de verticalidade, enraizados em nossa biologia e psique, também importantes neste processo. Por exemplo, o *schème* da verticalidade, mencionado anteriormente, tem raízes biológicas em nossa percepção do espaço físico, como a noção de subir ou descer, ao mesmo tempo em que é influenciado e moldado por fatores culturais, como ideias de poder, sucesso ou superação. Essa interação entre o biológico e o sociocultural é fundamental na construção do imaginário humano.

Dentro deste contexto, as jornadas e os impactos de Aquiles e Antônio Conselheiro em suas respectivas comunidades refletem realidades singulares, contudo ambos se convertem em símbolos de luta, coragem e resistência, emergindo como expressões coletivas de valores e crenças de um povo. Quando narrados, desempenham um papel crucial na elaboração e transmissão de conhecimentos e significados compartilhados, contribuindo para a construção de identidades culturais.

Nas pesquisas da AI (DURAND, 2012), existem dois fundamentos essenciais, dois domínios nos quais as imagens são geradas: o regime diurno, associado à posição, armas, combate, elevação e purificação, e o regime noturno, relacionado à nutrição, feminino, ciclo, conciliação, união e eufemismo. Enquanto o regime diurno envolve oposições, separações e divisões, o noturno trata de conciliações, unificações e complementações. Nesse contexto, as narrativas míticas atuam como sínteses de situações comuns em nossas relações humanas, transcendentalmente ligadas a espaço e tempo. Conforme estes estudos, temos imagens que predominam em um regime diurno e outras que parecem pertencer a um regime noturno. Em outras palavras, percebemos o mundo através de um filtro mítico que pode variar ao longo de diferentes fases de nossas vidas.

Para ilustrar essa dualidade, vejamos o elemento água. Durante o regime diurno, a água pode ser personificada pelo brilho radiante do sol refletido em uma superfície calma, evocando sentimentos de serenidade e clareza. Por outro lado, no regime noturno, essa mesma água assume uma aura de mistério, manifestando-se através de sombras enigmáticas na superfície de um lago escuro, sugerindo uma profundidade inexplorada e um mundo submerso de segredos. Essa variação de representações destaca como percebemos o mundo através de filtros míticos, que se transformam ao longo das diferentes fases de nossas vidas. Essa reflexão é enriquecida pelas ideias de Bachelard (2009) sobre a relação entre os elementos da natureza e a imaginação humana, oferecendo reflexões valiosas sobre como os elementos naturais influenciam nossa percepção e interpretação do mundo ao nosso redor.

A ECOLOGIA HUMANA NOS TELEJORNAIS

No contexto contemporâneo, a compreensão da relação entre os seres humanos e o meio ambiente transcende as fronteiras disciplinares, exigindo uma abordagem interdisciplinar que integre o social, o simbólico, o cultural e o natural. A Ecologia Humana – EH, como campo de estudo, foi sistematizada por Robert Park, Ernest Burgess, Donald Pierson, entre outros, na Escola de Chicago, nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX, em meio à crescente preocupação com a degradação ambiental e a necessidade de se compreender as interações complexas entre seres humanos e a natureza. Na base desses estudos, está a noção de que é preciso um maior diálogo com outras áreas do conhecimento, além das Ciências Naturais

Como ressalta Marques (2023), a Ecologia Humana oferece uma perspectiva ampla, destacando a interconexão entre esses elementos e a influência mútua que exercem. Nesse sentido, as ações humanas e a cultura desempenham papéis fundamentais na configuração e na conservação do ambiente. Essa perspectiva interdisciplinar é essencial também na gestão socioambiental, como apontam Rek e Marini (2019). Eles argumentam que o gerenciamento eficaz dos recursos naturais e dos impactos sociais requer a coordenação de diferentes partes interessadas, incluindo comunidades locais, empresas e órgãos governamentais. A colaboração entre esses atores é crucial para a tomada de decisões que levem em consideração tanto os aspectos sociais e culturais quanto os econômicos e sociais, promovendo o desenvolvimento sustentável (DUNK, 1994).

Gonçalves (2021) também estimula essa visão, ressaltando a importância de uma perspectiva mais holística para as questões socioambientais. Ainda, segundo Gonçalves (2021, p. 22), "a problemática ecológica não se limita apenas ao aspecto ambiental; ela envolve valores, levantando questões filosóficas e políticas". Nesse contexto a compreensão simbólica dos elementos naturais, como explorada por Dardel (2011), desempenha um papel fundamental. Isso nos faz repensar o que é a natureza e, com isso, mudar a forma como nos relacionamos com os outros seres vivos, o meio ambiente e até entre nós mesmos.

Todo esse entendimento pode ser ilustrado com a capacidade ancestral de povos tradicionais em atribuir significados profundos e transcendentes aos elementos da natureza. Para qual a concepção de natureza encontrada nestes povos não é meramente uma definição abstrata, mas sim uma representação de uma experiência viva e simbólica, que abarca muito mais do que apenas seu aspecto físico e utilitário.

O Físico Marcelo Gleiser (2024), no seu livro *O Despertar do universo consciente: um manifesto para o futuro da humanidade,* faz uma ponte com estas discussões e tece críticas ao modelo atual de

civilização, que se apoia nos ideais modernos e filosofia iluminista. Gleiser nos alerta para necessidade urgente de um novo paradigma em relação ao lugar que ocupamos na Terra, e reconhece a necessidade urgente de espaços de debates mais engajados na mediação dos problemas socioambientais que atingem nosso tempo.

Assim, o telejornal emerge como um espaço destas relações entre as ações da humanidade e o ambiente, destacando a importância desse produto midiático em produzir sentidos sobre a interdependência de nossas vidas com toda a natureza. Como forma de deixar essa relação mais clara, pode-se apresentar alguns exemplos de como os preceitos da Ecologia Humana, estão relacionados com a prática jornalística.

Ao destacar no telejornal uma reportagem sobre desastres naturais, existe neste produto midiático uma ilustração de como esses eventos afetam a cadeia alimentar e social, impactando empregos, economias e comunidades. Outras reportagens exibem a resposta de populações a desafios, como mudanças climáticas ou crises econômicas, e revelam como os seres humanos se adaptam e demonstram resiliência em face de mudanças ambientais. Além disso, existem as notícias que investigam as repercussões globais de eventos locais, como conflitos ou pandemias, e como tais ações podem ecoar em escala mundial.

Denúncias sobre a exploração de recursos naturais, mudanças climáticas e poluição, também costumam revelar o impacto direto das ações humanas nos ecossistemas, compreendendo que nós somos parte integrante dessa natureza. Todas essas narrativas ressaltam essa relação intrínseca, destacando a necessidade de manter a harmonia entre nossas ações e toda a socio biodiversidade.

A Ecologia Humana também aparece de forma crítica no telejornal quando o telejornalismo explora conflitos ambientais sem apresentar de maneira equilibrada diferentes perspectivas e soluções. Com isso, os telejornais podem contribuir para um imaginário de confronto e competição, favorecendo a ideia de que a lógica do sistema capitalista é a única saída para resolver todos os problemas. Essa tendência torna-se evidente quando os jornalistas omitem de suas pautas as comunidades tradicionais, deixando de abordar soluções sustentáveis e iniciativas positivas de convivência com os diversos ecossistemas.

Tal omissão pode resultar em uma visão pessimista, sugerindo que a única maneira de enfrentar os desafios ambientais é por meio de medidas autoritárias. Reconhecer a importância do olhar da Ecologia Humana e da gestão socioambiental nessas discussões é essencial para construir um jornalismo mais democrático e inclusivo.

O TELEJORNAL COMO UMA TECNOLOGIA DO IMAGINÁRIO

Ao assistir aos telejornais diários, seja pela TV ou plataformas digitais, somos imersos em um incessante fluxo de informações, frequentemente apresentadas de maneira dramática e sensacionalista. Compreendemos que a seleção do que será transmitido e como será apresentado é uma escolha dos produtores e editores que cuidadosamente selecionam os eventos que julgam relevantes para o público (LINS *et al*., 2020). Contudo, é crucial reconhecer que essa seleção não ocorre em um vácuo, mas, sim, é permeada inevitavelmente por emoções, crenças, afetos, interesses individuais e técnicas.

> O mundo é observado, organizado, a partir de uma perspectiva condicionada tanto pela organização em que os jornalistas trabalham quanto por suas características pessoais ou pelo espaço em que se movem. Os enquadramentos são revelados assim, como esquemas de interpretação de jornalistas em organizações e sociedades específicas (SÁDABA, 2001, p. 172).

Compreende-se que essa influência subjetiva e estética pode moldar profundamente as representações e interpretações da realidade, não de forma determinante, mas num processo dialético para qual o telespectador também produz sentidos. Desta forma, o telejornal é um espaço de trocas simbólicas, podendo ser considerado uma tecnologia do imaginário, (SILVA, 2012), isso se dá pelo fato do telejornal ser capaz de criar uma realidade mediada.

Ao consumir notícias pela televisão, somos transportados para um universo em que os fatos são filtrados e interpretados de acordo com a perspectiva daqueles que estão por trás da produção de notícias (BECHER, 2022). Isso inclui o uso de imagens, edição de vídeo e enquadramentos que moldam a nossa percepção dos eventos, mas também carregam a carga das emoções, crenças e culturas.

É importante observar que a representação gerada por essas ferramentas midiáticas frequentemente não reflete a complexidade e diversidade do mundo real. Em vez disso, muitas vezes apresenta uma versão simplificada e polarizada da realidade. Um exemplo desse cenário é a forma como a transposição das águas do rio São Francisco foi e é abordada na maioria dos telejornais. Muitos dos noticiários televisivos reforçam simbolicamente a ideia de que a transposição resolverá a falta d'água no semiárido brasileiro, promovendo desenvolvimento e estabilidade.

No entanto, essa narrativa não considera adequadamente a complexidade socioambiental envolvida nessas questões. Essa representação pode ser atribuída a um dos principais desafios enfrentados pelo telejornalismo: a necessidade de garantir audiência e atrair anunciantes para manter sua sustentabilidade financeira.

Conforme Silva (2012), os meios de comunicação são frequentemente utilizados pelos poderosos como ferramentas de controle social. Contudo, apesar do avanço das novas tecnologias, ainda existem

oportunidades para escapar desse controle. O pesquisador aponta que em sociedades democráticas, apesar do aumento da vigilância, como a presença de câmeras por toda parte, ainda há espaço para a diversidade de perspectivas, diante disso, o autor sugere que os meios de comunicação são tecnologias que não só moldam nosso raciocínio lógico, mas também influenciam nossas emoções, sonhos e fantasias.

É crucial reconhecer que o conteúdo televisivo não reflete uma visão neutra da realidade constituindo-se assim em uma construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2012). Isso significa que a forma como os indivíduos percebem e compreendem o social é influenciada pelas normas, valores, crenças e estruturas sociais presentes nos contextos socioculturais em que estão inseridos. Em outras palavras, a sociedade exerce uma influência significativa na maneira como as pessoas interpretam e dão sentido ao mundo ao seu redor. Ao mesmo tempo, os próprios indivíduos contribuem para moldar essa sociedade por meio de suas ações, interações e participação nas instituições sociais.

METODOLOGIA

A Mitocritica é uma perspectiva teórico metodológica desenvolvida nos estudos da Antropologia do Imaginário. Seu propósito é identificar os mitos latentes em produções culturais e explorar suas interações com os contextos socioculturais em diversas épocas e momentos históricos (DURAND, 2012). Esta abordagem de pesquisa não apenas busca atribuir valor histórico e ideológico às narrativas míticas, mas concentra-se primordialmente na mensagem simbólica que elas transmitem, relacionando-se à trajetória da humanidade e aos modelos de ação frente a eventos específicos. A escolha por essa metodologia em vez de outras decorre de sua afinidade com as ciências do texto e sua aptidão para analisar produtos midiáticos, apresentando-se também como uma abordagem eficaz para encontrar os mitos, símbolos arquétipos, em manifestações culturais de uma determinada sociedade.

Nesses estudos, o mito é compreendido como um elemento de coesão social, responsável por construir realidades dentro de um sistema de crenças e valores de uma cultura. Mircea Eliade (2004) argumenta que os mitos servem como modelos ou paradigmas para o mundo ao nosso alcance, proporcionando um meio pelo qual as pessoas podem se relacionar com o sagrado e compreender suas origens e significados existenciais, transcendendo a mera narrativa protagonizada por personagens lendários e seres sobrenaturais. Assim Adentramos o nosso itinerário de pesquisa da seguinte forma:

Quanto ao método de abordagem, nossa abordagem não é explicativa das narrativas midiáticas, no sentido de retirar destas suas incógnitas, porque a fenomenologia no ato de desvendar (buscar a

verdade), há sempre algo que fica velado. Pretendemos descrever as formas simbólicas ou o modo de organização interna dessas narrativas (DURAND; MAFFESOLI, 2024). Para isso adotamos a hermenêutica simbólica, buscando entender como os mitos e símbolos aparecem no telejornalismo.

Quanto ao método de procedimento, além do nível lógico, há o nível da especificidade metodológica, decorrente da teoria adotada. Nosso procedimento advém da hermenêutica simbólica (DURAND,2012), visto que é um método próprio ao estudo do imaginário, válido para qualquer mensagem que emana do ser humano, sejam elas mensagens míticas ou mensagens do *mass media*, como é o caso da nossa investigação.

Adicionalmente, utilizamos também o método indutivo conforme descrito por Bacon (2020), que envolve a formulação de conclusões gerais com base em observações específicas. Esse processo consiste na observação de padrões ou regularidades em dados específicos e na formulação de uma hipótese geral ou teoria que explique esses padrões. O método indutivo também testa a hipótese por meio de mais observações ou experimentos.

Tipologia da pesquisa

A pesquisa é do tipo qualitativa, focando na interpretação dos fenômenos sociais, a exemplo dos mitos e símbolos presentes no telejornal, buscando entender os significados e os contextos dos eventos analisados.

É descritiva porque visa identificar uma vivência coletiva: a do protesto de um religioso contra a transposição e, em outro momento, a celebração de parte da transposição sendo entregue à população. Desta forma, pretendemos entender a razão interna que move as pessoas diante dessas circunstâncias. Empenhamo-nos em descrever o sensível, ou o que foi sentido pelos jornalistas e entrevistados, tentando captar a atmosfera estética, os sentimentos e as emoções compartilhadas numa situação mundana.

É uma pesquisa documental e bibliográfica porque nossas fontes de informação são documentos, textos extraídos de reportagens exibidas nos telejornais, seja em nível local e nacional, num intervalo de dez anos sobre o tema transposição. Quanto ao levantamento dos dados, são imagens e textos jornalísticos transcritos de duas reportagens disponibilizados na plataforma Youtube.

Caracterização do objeto de pesquisa - O objeto de nossa investigação são duas reportagens veiculadas em telejornais, relacionadas à obra de transposição das águas do rio São Francisco e suas relações com símbolos e mitos ambientais. Para a coleta e análise dos dados, estabelecemos um recorte temporal de dez anos, possibilitando a observação de eventuais mudanças na abordagem do tema. É importante destacar que ambas as produções estão imersas em contextos políticos, históricos e

socioculturais complexos, nos quais se evidenciam tanto manifestações, como greves de fome e protestos contrários à transposição, quanto a conclusão e entrega de partes da obra à população. Nessas reportagens, percebe-se uma marcante presença de elementos estéticos e simbólicos, os quais despertam o interesse de nossa investigação.

Sendo assim, os procedimentos foram divididos em duas partes, na primeira vamos definir o que são Mitemas, Mitogemas e Narrativa Canônica (DURAND, 2012), elementos essenciais nestas pesquisas para encontrar as dimensões míticas e simbólicas das narrativas dentro das manifestações e produtos culturais. No segundo momento vamos apresentar como esses conceitos são aplicados na busca por mitos socioambientais;

1) Mitemas são os pontos fortes, repetitivos da narrativa. De modo que o mitema é a menor unidade significante, isso não quer dizer os elementos importantes da sintaxe (verbo, adjetivo), mas as unidades redundantes, que podem ser desde uma partícula de ligação até um gesto inusitado. O que caracteriza o Mitema é a repetição do objeto.
2) Mitologema ou ampliação da narrativa - Neste estágio da análise, a Mitocrítica transcende o texto específico, ou seja, as reportagens em si. Essa etapa da investigação consiste em examinar outros exemplos de situações e fatos semelhantes em diferentes culturas e contextos históricos. O Mitologema é fundamental para evitar a limitação a uma única imagem do evento. No caso da transposição das águas do rio São Francisco, podemos ilustrar essa ideia com o seguinte exemplo: enquanto o mitema de coragem e sacrifício do religioso durante a greve de fome foi destacado nas reportagens analisadas, a ampliação dessa narrativa para além dos limites das reportagens revela outras histórias semelhantes de resistência e luta em prol de ideias valores e crenças, contribuindo para a construção de um mito mais abrangente e significativo em torno desse tema.
3) Narrativa Canônica – A narrativa canônica refere-se às histórias reconhecidas como verdadeiras dentro de um contexto específico. Desempenha um papel crucial na forma como as sociedades entendem e narram suas próprias histórias, permitindo que os elementos culturais se adaptem e permaneçam relevantes ao longo do tempo.

Na greve de fome do religioso, essa narrativa evoca o arquétipo do mártir que luta contra a injustiça, gerando um sentido de heroísmo e sacrifício em defesa dos direitos das comunidades afetadas. Por outro lado, a narrativa canônica da transposição sendo entregue à população é descrita como um evento redentor e festivo, semelhante a mitos fundacionais que transformam e revitalizam uma comunidade. Em suma, a narrativa canônica é uma adaptação moderna de histórias arquetípicas profundamente enraizadas na identidade cultural de um povo, refletindo suas experiências e valores ao longo do tempo.

Vamos agora apresentar o procedimento usado para encontramos os mitos e símbolos nas narrativas do telejornal.

Para encontrar os Mitemas nas duas reportagens analisadas e uma nota coberta foi realizada uma leitura minuciosa e transcrição dos textos das reportagens. A análise partiu tanto do texto escrito quanto

também das imagens presentes na produção estabelecendo um quadro de comparações onde o foco foi identificar as redundâncias de significados, seja nos ângulos das imagens, cenários e entrevistas, ou até mesmo na apresentação dos jornalistas que estão na bancada do noticiário, compreendendo que o mitema ou mitemas são temas e unidades simbólicas que aparecem e se repetem ao longo de toda a narrativa, conferindo-lhe uma estrutura significativa e coesa;

Para identificarmos o Mitologema, traçamos um paralelo com as ideias e situações encontradas nos mitemas. Ao analisar e interpretar esses temas identificamos uma ideia que pode ter um denominador comum com outras histórias. Ou seja, o Mitologema pode ser compreendido como um núcleo mítico que gera todo o tema central da narrativa, exemplo enquanto o mitema ou mitemas de coragem, sacrifício e determinação surgem nas reportagens analisadas, a ampliação desses temas revela a existência de núcleo mítico que vai dar origem a mitos e símbolos em diversas culturas.

Para identificar a Narrativa Canônica da transposição, primeiro encontramos os Mitemas e Mitologemas presentes. Em seguida, destacamos a narrativa reconhecida e aceita como verdadeira dentro do contexto específico. Essas narrativas podem incluir mitos fundacionais, contos populares, relatos históricos ou outras formas de expressão cultural considerada parte integrante da tradição de uma determinada cultura ou sociedade. Depois de compreender qual é a narrativa aceita como à verdade dos fatos por essas comunidades, traçamos um paralelo entre essas histórias e produções literárias de outras culturas, como as mitologias Indígenas, Gregas e Iorubás, isso nos permitiu identificar uma estrutura mítica antropológica na forma como são produzidos significados sobre temas socioambientais.

A MITOCRÍTICA COMO MÉTODO DE ANÁLISE E AS INTERAÇÕES COM EH

A Mitocrítica aliada as questões ambientais da Ecologia Humana - EH é um campo de estudo emergente que busca compreender a interseção entre a mitologia, crítica literária e questões socioambientais. Ao examinar livros e artigos disponíveis em bases de dados acadêmicas como Google Scholar entre outras, observamos uma escassez de pesquisas diretamente relacionadas a este tema específico Mitocritica Socioambiental. Esta lacuna evidencia a necessidade de um estudo mais aprofundado e estruturado, visando explorar como narrativas míticas podem refletir e influenciar nossas percepções e interações com o meio ambiente. Heise (2016) argumenta que entender essas histórias e símbolos é indispensável para qualquer defesa eficaz em favor do meio ambiente. Mais do que isso, ela demonstra como a conservação da biodiversidade, mesmo e especialmente em suas dimensões científicas e legais, é moldada por suposições culturais sobre o que é valioso na natureza e o que não é.

Essas suposições estão embutidas até mesmo em ferramentas aparentemente neutras, como bancos de dados.

Neste campo de estudo, Ursula Heise, (2019) Graham Harvey, (1997) Bron Taylor, (2010), Serenella Iovino e Serpil Oppermann, (2014) e David Abram (2012) têm contribuído significativamente para a interseção entre mitologia e ecologia, oferecendo reflexões para compreender como as simbologias têm impacto direto na nossa relação socioambiental. A pesquisa de Harvey (1997) sobre as culturas indígenas e pagãs enfatiza como essas comunidades integram mitos e práticas ecológicas em suas vidas cotidianas. Ele argumenta que os mitos não são apenas histórias antigas, mas sim narrativas vivas que moldam a interação das pessoas com o ambiente. Em suas publicações, Harvey discute como esses mitos promovem práticas sustentáveis e uma ética de cuidado com a Terra.

Compreendemos então, como mitos e narrativas culturais podem moldar atitudes e práticas ambientais, e como essas histórias podem ser reavaliadas e reinterpretadas à luz das atuais crises ecológicas. Fundamentando-se em um diálogo interdisciplinar, integrando conceitos e abordagens de diferentes campos do conhecimento, esta investigação pode preencher lacunas na literatura existente e contribuir para o desenvolvimento de uma nova perspectiva crítica sobre a relação entre mitologia e meio ambiente.

Diante deste quadro apresentado, a análise foi realizada pelo método da Mitocritica, cujo objetivo foi compreender como as dimensões simbólicas da espécie humana aparecem no telejornalismo e ajudam a produzir sentidos sobre as práticas socioambientais.

Como procedimento de análise, realizamos uma transcrição dos textos, a fim de facilitar a leitura, apresentando também os vídeos das reportagens disponibilizados pelos pesquisadores na plataforma digital YouTube.

Para interpretar, compreender e refleti esses mitos, realizou-se uma análise que começa pela identificação dos Mitemas – termo utilizado por Durand (2012), inspirado em Lévi-Strauss (1996). Os mitemas são elementos fundamentais que indicam a presença de um mito em uma sociedade ou narrativa específica. Buscou-se então descobrir o núcleo mítico, ou seja, uma narrativa fundamentadora que sempre está em evidência nos enquadramentos jornalísticos sobre a pauta da transposição do rio São Francisco.

No primeiro momento, a análise investigou quais ou qual o mito que parece nortear a narrativa, identificando quais ressonâncias esse(s) mito(s) adquire(m) quando transposto(s) para o campo da reportagem.

Para implementar essa abordagem, adotamos um esquema composto por três passos: a) identificar elementos redundantes na reportagem, ou seja, temas e motivos que se repetem; assim como

situações, personagens, enquadramentos e combinações de situações (elementos simbólicos) que são mais recorrentes na produção audiovisual. Esses temas seriam os mitemas - menores unidades significativas do mito; b) o segundo passo foi realizar uma convergência desses elementos simbólicos em função de seus sentidos e funções na narrativa. A convergência desses elementos leva à identificação de um Mitologema, que vai conduzir para um determinado mito; c) o terceiro passo foi identificar, no universo da produção televisiva, as correlações com os mitos fundadores de uma determinada época e cultura.

Ao explorar o papel dos mitos nessas ações, buscamos desvendar os elementos simbólicos presentes em reportagens, discursos políticos e demais formas de comunicação, reconhecendo que tais elementos desempenham um papel crucial na formação das crenças, valores e culturas. Em outras palavras, buscamos refletir sobre o impacto das narrativas em nossa relação com as práticas de conservação ambiental. Neste sentido, a Ecologia Humana surge como uma dimensão essencial, ao analisar como tais relatos se inserem no contexto cultural, contribuindo para uma compreensão mais profunda de nossa conexão com o meio ambiente.

Este estudo focou na análise de livros e sites da internet, tanto nacionais quanto internacionais, sobre a Mitocrítica Socioambiental. Contudo, apesar da vasta quantidade de informações disponíveis sobre ecologia, meio ambiente e mídia, não foi encontrada literatura específica que aborde de maneira abrangente ou detalhada o tema em questão. Para a condução desta revisão, foram selecionadas fontes diversas com o intuito de abarcar uma ampla gama de perspectivas e informações. No entanto, a escassez de material relevante evidenciou uma significativa lacuna no campo de estudo.

A lacuna de estudos sobre Mitocrítica Socioambiental reforça a necessidade e a relevância desta pesquisa. Ao explorar este tema específico, este estudo pretende preencher essa lacuna e contribuir para o avanço do conhecimento na área de estudos socioambientais e mítico-simbólicos.

APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* ANALÍTICO-INVESTIGATIVO

Para compor nosso estudo, escolhemos duas reportagens para serem analisadas. Ambas as produções apresentam, em suas narrativas, elementos simbólicos que nos ajudam a perceber como o imaginário sobre a transposição das águas do rio São Francisco opera mitos, símbolos e arquétipos.

Na primeira reportagem, veiculada em 2007, em uma das afiliadas da rede Globo de Televisão - TV Grande Rio, a narrativa aborda a greve de fome de um religioso que durou quase um mês se opondo a transposição. Frei Dom Luiz Flávio Cappio, da Diocese de Barra/BA, alegava na época que o rio São Francisco estava doente e o projeto da transposição o levaria a uma possível extinção. No período de

27/11/2007 a 19/12/2007, o religioso tinha como fundamento a opinião de ambientalistas e comunidades tradicionais que eram contra o projeto, alegando que aspectos como assoreamento e poluição deixaram o rio São Francisco frágil e inapto para a transposição de suas águas.

Na segunda reportagem analisada, veiculada em 2017, pelo Jornal Nacional da rede Globo de Televisão, observamos parte da transposição em execução, com as águas do rio chegando ao estado da Paraíba, e a celebração da população.

Num primeiro momento, para trabalhar com essa metodologia, é preciso identificar os mitemas. Um mitema pode ser considerado como uma unidade ou fragmento estrutural de um mito, uma espécie de *átomo* do discurso mítico. Ao contrário do mito completo, que é uma narrativa complexa e muitas vezes longa, um mitema pode ser uma imagem, um símbolo, um tema ou um conceito específico que se repete em diferentes mitos. Esses mitemas são considerados os blocos de construção básicos da narrativa mítica, e sua combinação e rearranjo formam as diversas histórias encontradas em diferentes culturas.

A seguir, é apresentada a transcrição da reportagem, *Início Greve de Fome* <https://www.youtube.com/watch?v=x16ERpJr1-k>, realizada pela TV Grande Rio, afiliada da Rede Globo, no ano de 2007.

> **OFF**// A IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, EM SOBRADINHO, A CINQUENTA QUILOMETROS DE PETROLINA, FOI O LOCAL ESCOLHIDO PELO BISPO DIOCESANO//. NA MANHÃ DE HOJE DOM LUIS FLÁVIO CAPPIO COMEÇOU A GREVE DE FOME EM PROTESTO CONTRA A TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO. EM CABROBÓ E FLORESTA, /NO SERTÃO DO ESTADO/ AS OBRAS DA TRANSPOSIÇÃO SEGUEM NORMALMENTE//
>
> **SONORA: BISPO CÁPPIO** – "A presença nossa aqui, na capela de São Francisco de Assis, é emblemática. Mostra, evidência a situação crítica em que se encontra o rio são Francisco"
>
> **OFF**//AS VISITAS QUE O BISPO RECEBE A TODO INSTANTE/ DEMONSTRAM A SOLIDARIEDADE DOS RIBEIRINHOS // SONORA: MORADORA DA CIDADE "Ele como um servo fiel do Senhor. Ele tá lutando por uma causa justa.
>
> **OFF**// O FRANCISCANO PASSOU O PRIMEIRO DIA BEBENDO APENAS ÁGUA DO RIO/ E O TRABALHO DA PARÓQUIA NÃO PAROU// HÁ MAIS DE QUARENTA ANOS ELE DEDICA A VIDA A CAUSAS AMBIENTAIS//PASSAGEM - EM DOIS MIL E CINCO / O RELIGIOSO FEZ UM JEJUM QUE DUROU ONZE DIA**S**//DESTA VEZ ELE NÃO PRETENDE PARAR ENQUANTO TIVER FORÇAS/ E AFIRMA QUE O RIO SÃO FRANCISCO PRECISA DE SOCORRO//
>
> **SONORA**: Volta Bispo Cáppio: "Há bem pouco tempo atrás, nós dizíamos o rio São Francisco está na UTI. Seria tão bom que ele tivesse na UTI. Se ele estivesse na UTI, teria médicos, teria cuidados. Mas o rio São Francisco não está na UTI, ele está na fila do SUS e não sabe se vai ser atendido, por isso estamos aqui.

Para facilitar a leitura, destacam-se a seguir, em itálico e negrito, os possíveis mitemas encontrados na narrativa jornalística. A Igreja de São Francisco de Assis aparece na reportagem como

um espaço simbólico que representa a espiritualidade e a conexão com a religião católica. O nome São Francisco de Assis, evidenciado no texto, também evoca uma figura religiosa conhecida por sua ligação com a natureza e que dá nome ao rio.

Nesse contexto, a greve de fome do Bispo Dom Luiz Flávio Cáppio é um ato de protesto que, nos enquadramentos midiáticos, carrega significados de *sacrifício pessoal*. Essa ação do Bispo Cáppio parece conceber o rio São Francisco como uma entidade sagrada, cujo sacrifício é visto como uma contribuição para a sustentabilidade ambiental e para toda uma comunidade. Essa visão pode estar fundamentada em interpretações teológicas/simbólicas que destacam a responsabilidade humana na preservação e conservação da criação divina.

O mitema de sacrifício aparece na narrativa acompanhado de outros mitemas, como coragem, resistência e combate, em defesa do Rio São Francisco. O tema central do texto é carregado de significados simbólicos, desde as imagens captadas que mostram o religioso em pé ao lado da imagem de São Francisco de Assis, o que parece evidenciar a força da fé cristã para o combate contra o mal, que surge como uma mudança drástica no curso do rio e pode ter implicações ambientais e sociais profundas.

A solidariedade dos ribeirinhos para com o religioso, apresentada na narrativa do telejornal, também reflete o mitema da ***união*** em torno de uma causa que se apresenta divina e explora a vitalidade do Bispo Cáppio ao iniciar seu protesto bebendo apenas água do próprio rio. Essa ação revela o mitema do ***herói,*** aquele que carrega a aura do fazer justiça e aceita o chamado a dar a vida pela vida do rio. A metáfora de que o rio está na UTI, também se repete nos enquadramentos da reportagem e nos leva a um mitema de ***cuidados*** e atenção das políticas públicas.

Depois dos mitemas, partimos em direção a encontrar o Mitologema presente na reportagem. Durand (1985) argumenta que os Mitologemas são padrões recorrentes que aparecem em diferentes mitologias ao redor do mundo, eles poderiam ser considerados como temas fundamentais e aspectos universais da psique humana.

Ao identificar e analisar os Mitologemas, Pavón (2019) busca revelar os elementos arquetípicos subjacentes que permeiam as narrativas míticas. Em síntese, o Mitologema, na perspectiva de Durand (1985), é uma unidade de significado fundamental nos mitos, representando padrões simbólicos recorrentes e arquétipos que transcendem as culturas. Sendo assim, essa narrativa fundamentadora consiste na modulação do mitema numa situação mitológica. Ou seja, "é o resumo abstrato e empobrecido de uma situação mitológica, um simples esqueleto da obra" (GOMES; SILVA, 2011, p. 89).

Os Mitemas de sacrifício, coragem, resistência, combate, união, herói e cuidado, estão associados a diversos arquétipos e Mitologemas encontrados em várias tradições mitológicas e narrativas heroicas. Então, uma interpretação abrangente desta narrativa apresentada poderia ser vinculada ao Mitologema da *Jornada do Herói*, um conceito proposto por Campbell (1990). Essa narrativa descreve uma estrutura recorrente em mitos e histórias, na qual um herói embarca em uma jornada que envolve desafios, sacrifícios, transformações e, eventualmente, retorna com uma conquista ou conhecimento valioso.

A seguir, é realizada a transcrição da reportagem *Águas da transposição chegam a Paraíba*, realizada pelo Jornal Nacional no ano de 2017.

> **CABEÇA** - DEPOIS DE MAIS DE CINCO ANOS DE SECA/ O ESTADO DA PARAÍBA COMEÇA A RECEBER AGORA AS ÁGUAS DA TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO//
>
> **OFF**// A EXPECTATIVA PARA OS MORADORES DE MONTEIRO É GRANDE//
>
> **SONORA** - Agora sim, acredito que tudo vai mudar.
>
> **OFF**// O PRESIDENTE MICHEL TEMER CHEGOU À CIDADE NO COMEÇO DA TARDE A CERIMÔNIA FOI RESTRITA A CONVIDADOS// DO LADO DE FORA CERCA DE CEM PESSOAS FIZERAM UM PROTESTO CONTRA O GOVERNO E A REFORMA DA PREVIDÊNCIA// NO DISCURSO O PRESIDENTE DISSE QUE A MANIFESTAÇÃO FAZ PARTE DA DEMOCRACIA E DESTACOU A IMPORTÂNCIA DA OBRA//
>
> **SOB/SOM DISCURSO DE TEMER** - "Se nós podermos falar em paternidade dela, nós devemos dizer como disse o governador e disseram todos, a paternidade é do povo brasileiro. Vocês não pensem que tem um dinheiro que é o dinheiro público, e que tá aqui do lado, e o dinheiro que vem dos impostos, o dinheiro é um só. O dinheiro público vem dos impostos, então quando nós aplicamos milhões e milhões aqui, são os senhores que pagaram, portanto, uma dívida que o governo tem com o povo brasileiro e com o povo paraibano e agora está pagando."
>
> **OFF**// O TRECHO INAUGURADO HOJE RECEBEU CRÍTICAS DO MINISTÉRIO PÚBLICO// UM ESTUDO TÉCNICO MOSTROU QUE AINDA FALTA CONCLUIR A OBRA E POR ISSO O AÇUDE PODE NÃO AGUENTAR O AUMENTO DO VOLUME DE ÁGUA//, MAS REPRESENTANTES DO GOVERNO FEDERAL E DO ESTADO SE COMPROMETERAM A REDUZIR A VAZÃO ATÉ A CONCLUSÃO TOTAL DA OBRA//
>
> **ENCERRAMENT**O "Depois de chegar em Monteiro, a água segue pelo rio Paraíba que passa pelos açudes de poções camalaú ainda na região do Cariri// E a previsão é que em 45 dias/ as águas do São Francisco abasteçam também o reservatório de boqueirão na região de Campina Grande beneficiando mais de oitocentas mil pessoas"//

No segundo texto, nossa análise começa com a ideia da seca persistente apresentada na narrativa pelos profissionais que estão na bancada do Jornal Nacional da Rede Globo. Essa realidade, há muito enquadrada pela mídia televisiva, representa um quadro enfrentado pela população sofrida do Nordeste. Contudo, logo a reportagem evidencia o mitema da *renovação* ao trazer dentro da narrativa as imagens de que as águas da transposição são sinônimo de vida, esperança, superação da seca e desenvolvimento.

Neste ponto, a reportagem nos vende a ideia de progresso, para a qual a tecnologia se mostra como um símbolo cíclico para equilibrar os contrários.

A fala do Presidente na época, também revela a importância de um evento simbólico que destaca a presença do líder político e o esforço do governo em garantir a sobrevivência. Na narrativa enquadrada pelo telejornal, o político destaca a ideia de que a obra é uma *conquista* do povo brasileiro, reforçando a noção de que os recursos públicos são provenientes dos impostos pagos pela população e que, nesse momento, o governo, do qual ele faz parte, assume o papel de um *herói* que, contra todas as adversidades, traz água para o povo sofrido do Nordeste.

Nesse quadro, enxergamos o mitema de progresso, associado à estrutura disseminatória do imaginário dentro do regime noturno das imagens. Os mitemas encontrados nesse texto refletem uma narrativa complexa que aborda arquétipos da esperança, do progresso, da união e compromisso.

Diante deste quadro, no centro de muitas narrativas culturais, encontramos o Mitologema da *Evolução Coletiva* - um relato que destaca a interconexão entre o progresso, a união e a mudança. Esta narrativa fundamenta a compreensão de que avanços significativos na sociedade surgem quando as pessoas se unem em busca de objetivos comuns, impulsionando uma evolução coletiva. O Mitologema central nesta narrativa é a representação da transposição do Rio São Francisco para a Paraíba como um arquétipo do desenvolvimento, estimulado pela tecnologia e pela ciência.

Achamos também pertinente fazer a análise da nota coberta como um complemento da segunda reportagem, pois esta narrativa também revela pontos importantes dos símbolos e mitos presentes na forma como o telejornal produz sentidos sobre a questão ambiental, especificamente a transposição.

A seguir, é realizada a transcrição da nota coberta apresentada na reportagem *Águas da transposição chegam a Paraíba*.

> **APRESENTADORA – OFF** SÃO QUASE DEZ ANOS/ DESDE O INÍCIO DAS OBRAS EM DOIS MIL E OITO/ NO SEGUNDO MANDATO DE LULA// A PREVISÃO INICIAL DE QUE TODA A TRANSPOSIÇÃO JÁ ESTARIA CONCLUÍDA EM DOIS MIL E DOZE FICOU NA PROMESSA// CINCO ANOS DEPOIS AINDA TEM OBRA PARA SER FEITA// O PLANO DO GOVERNO É BENEFICIAR DOZE MILHÕES DE PESSOAS EM QUATRO ESTADOS// QUANDO O PROJETO FICAR PRONTO A ÁGUA QUE SAI DO SÃO FRANCISCO VAI SUBIR ATÉ QUARENTA METROS DE ALTURA/ DEPOIS DE PASSAR POR ESTAÇÕES DE BOMBEAMENTO// INICIALMENTE/A OBRA IRIA CUSTAR QUATRO BILHÕES E MEIO DE REAIS// HOJE O ORÇAMENTO TOTAL JÁ CHEGA A QUASE DEZ BILHÕES// A TRANSPOSIÇÃO SE DIVIDE EM DOIS EIXOS/ O NORTE DE DUZENTOS E SESSENTA QUILÔMETROS DE EXTENSÃO COM PREVISÃO DE INAUGURAÇÃO NO SEGUNDO SEMESTRE// SEGUNDO O GOVERNO 95% DAS OBRAS ESTÃO PRONTAS// ESSE EIXO COMEÇA EM CABROBÓ/ PERNAMBUCO SEGUE PARA O CEARÁ E DEPOIS PARA A PARAÍBA TERMINANDO O PERCURSO EM CAJAZEIRAS//NO EIXO NORTE FALTAM TRÊS TRECHOS/ DOIS DELES SEGUNDO O GOVERNO ESTÃO EM FASE FINAL DENTRO DO CRONOGRAMA// O TERCEIRO TRECHO ENTRE PERNAMBUCO E CEARÁ ESTAVA SOB RESPONSABILIDADE DA MEND JÚNIOR QUE SAIU DO PROJETO/ AGORA O

> GOVERNO ESTÁ EM FASE DE LICITAÇÃO PARA QUE UMA NOVA CONSTRUTORA ASSUMA A OBRA// E TEM O EIXO LESTE DE DUZENTOS E DEZESSETE QUILÔMETROS QUE TEVE UMA PARTE INAUGURADA HOJE PELO PRESIDENTE TEMER// TODA PARTE DE PERNAMBUCO JÁ ESTÁ EM FUNCIONAMENTO// A BARRAGEM DE SERTÂNIA SE ROMPEU NO ÚLTIMO SÁBADO UMA SEMANA DEPOIS DE INAUGURADA/ SEGUNDO O MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO O VAZAMENTO FOI CONTIDO NO MESMO DIA/ E A ÁGUA DO SÃO FRANCISCO PODE SEGUIR PARA A PARAÍBA/ A PORTA DE ENTRADA É O AÇUDE DE PORÇÕES EM MONTEIRO ESSE EIXO SEGUNDO O GOVERNO ESTÁ CONCLUÍDO//

Ao tratar principalmente de questões políticas e de infraestrutura, mostrando a força da ciência e tecnologia, o texto também apresenta elementos que podem ser relacionados aos mitemas, especialmente aqueles ligados ao simbolismo da água e da obra inacabada.

O projeto de transposição, mais uma vez, reforça a ideia de esperança e renovação, podendo ser visto como um mitema, já que repete várias vezes a ideia de transformação do ambiente e a busca por benefícios para a população. A *promessa não cumprida* também se apresenta como um forte mitema dentro da narrativa, na qual o texto explora a ideia de que a previsão inicial de conclusão da obra era para 2012, mas não se concretizou, trazendo consigo imagens do engano.

O aumento no orçamento total de quatro bilhões para quase dez bilhões pode ser interpretado também como um mitema relacionado à expansão, mas também à possível ineficiência na gestão do projeto.

Na narrativa da nota coberta, o Mitologema é intrinsecamente associado à dicotomia entre esperança e desconfiança. O símbolo da água, fluindo após uma prolongada seca, atua como arquétipo de renovação, alimentando a imaginação coletiva com a promessa de superação de desafios e transformação do cenário árido. No entanto, a desconfiança e a insatisfação desenham uma narrativa paralela, ecoando na esfera do imaginário. Assim, o Mitologema da Promessa não Cumprida e a Busca por Renovação ressoam como um reflexo da condição humana, onde a esperança, mesmo diante de promessas não cumpridas, continua a impulsionar a busca por um futuro renovado. Essa narrativa, entrelaçada com desafios e buscas incessantes, captura a essência da jornada humana em direção à renovação.

NARRATIVA CANÔNICA

Na Antropologia do Imaginário, a Narrativa Canônica refere-se à versão oficial ou predominante de uma história ou evento em uma determinada sociedade, cultura ou grupo (DURAND, 1988). É a narrativa que é amplamente aceita e disseminada como a representação oficial dos acontecimentos. Essa narrativa, muitas vezes, reflete as perspectivas e valores dominantes dentro da cultura em questão. Para

Lins (2011, p. 110), "é nessa fase que na análise ultrapassamos o texto específico do estudo, o resumo da obra e seu padrão simbólico no tempo". Diante disso, estabelecemos uma comparação com outras culturas. Seria o momento das afinidades de mitemas, ou dos mitos de cultura para a outra.

A partir das Narrativas Canônicas, é possível perceber em qual padrão os mitos, ou o mito, estão organizados dentro das reportagens analisadas. Nesse aspecto, é preciso encontrar a tendência geral dos gestos ou *schémes* apresentados nas reportagens, o que nos possibilita entender a formação e a mensagem do mito.

Na primeira reportagem analisada, a metáfora do jejum como arma sugere uma resistência pacífica e espiritual contra a intervenção no curso natural do rio, personificado como um ser vivo frágil que clama por cuidados. A materialidade do fato está na situação concreta da intervenção no curso natural do rio São Francisco. Isso implica em uma ação tangível e material que afeta diretamente o ambiente e as comunidades que dependem do rio. Essa abordagem intensifica a complexidade da relação entre desenvolvimento e conservação ambiental, revelando as camadas mais profundas das percepções culturais e socioambientais entrelaçadas com a mudança proposta pela transposição do rio São Francisco.

No entanto, nas outras duas narrativas, os enquadramentos do telejornal transmutam do confronto para a renovação e a promessa de dias melhores, mesmo ao apresentar elementos simbólicos como a quebra de uma possível promessa (atraso nas obras). Nesse ponto específico, o regime noturno da imagem parece desvendar uma reconciliação entre vida e morte, para qual a postura verticalizada do confronto, frente aos desafios ambientais**,** cede lugar ao desejo de ter água em nossa terra/região.

A jornada visual e simbólica dessas reportagens sugere uma transição significativa, não apenas na esfera concreta da infraestrutura hídrica, mas também na psique coletiva, revelando uma reconciliação com os ciclos naturais da vida. Neste sentido, a relação entre o imaginário e a realidade se torna evidente ao observarmos a coexistência do real/materialidade representado pela água como uma necessidade básica para a sobrevivência das pessoas, e do imaginário, representado pelas crenças e mitos associados as sacralidades dessa água. Ou seja, enquanto a água pode ser utilizada para irrigação, produção de energia hidrelétrica e abastecimento, ela também é vista como um símbolo de renovação e vida. Nessa coexistência entre o real e o imaginário, ambos podem estar entrelaçados dentro de uma mesma experiência ou contexto, sem se anularem mutuamente. Reconhecer o imaginário como um elemento vivo e dinâmico amplia nossa compreensão, revelando sua influência significativa em nossas percepções e interações.

AS DIMENSÕES MÍTICAS E SIMBÓLICAS E SUAS RELAÇÕES COM A ECOLOGIA HUMANA

Neste estudo, a interseção entre a Ecologia Humana e a Antropologia do Imaginário é clara, pois essas áreas buscam compreender a relação intrincada entre os seres humanos, a cultura e seu ambiente. No livro *Material Ecocriticism* (IOVINO; OPPERMANN, 2014), oferece um conjunto de ferramentas e perspectivas para entender como a interação com o mundo material influencia nossas linguagens, histórias e práticas, ajudando-nos a desenvolver novos entendimentos sobre nossa relação com o planeta. O pesquisador nos propõe a reconsiderar nossa concepção tradicional de ambiente como um mero cenário passivo em que a ação humana se desenrola. Em vez disso, ele nos convida a enxergar o ambiente como ativo e participante na criação de significados e identidades culturais.

A perspectiva eco-crítica de Iovino e Oppermann (2014) ecoa as reflexões de Yuval Harari (2014) sobre as ficções humanas. Harari (2014) argumenta que a capacidade dos Sapiens de produzir ficções foi essencial para a evolução humana até os dias atuais, Iovino e Oppermann (2014) expande essa ideia ao destacar como nossas narrativas e práticas são moldadas não apenas por elementos culturais, mas também pelas forças e substâncias materiais presentes em nosso ambiente.

Essas ficções humanas, conforme argumenta Yuval Harari, fazem ponte com nossa ideia de simbólico, demonstrando como as relações humanas são atravessadas por símbolos e mitos, ou seja, essas ficções coletivas são construções sociais que existem na mente das pessoas e que, apesar de serem imaginadas, têm um impacto real no mundo, Harari (2014), menciona como os sistemas de crença religiosa, as ideologias políticas e os conceitos econômicos dependem dessas ficções para funcionar e manter a coesão social.

Neste contexto, a transposição das águas do rio São Francisco sugere que, por meio de uma estrutura simbólica, a sociedade busca não apenas compreender, mas também transcender os desafios enfrentados. O jejum do Bispo Cáppio, em oposição à possível morte do rio, exemplifica como as narrativas míticas expressam combate e resiliência pela vida. A chegada das águas à Paraíba também é abordada, transformando um recurso natural em um símbolo de renovação e esperança.

Este fenômeno vai além da lógica racional, alimentando o que Bachelard (2009) denomina de Imaginação Material, ou seja, a existência de uma objetividade material é que dinamiza nosso conhecimento poético do mundo, sendo assim a imaginação material vai além da simples percepção das formas físicas das coisas, não se limitando a conceber objetos ou estruturas apenas como entidades estáticas ou funcionais; ela também os vivencia, sonha com eles, e os conecta de maneira profunda à experiência humana.

Desta forma, Bachelard (2009) nos encoraja a transcender as simples características físicas da água e da infraestrutura, e sugere que devemos explorar o lado imaginativo e subjetivo desses elementos. Isso implica em ver além do óbvio e perceber a profundidade poética e filosófica que está presente até mesmo nas coisas mais simples do mundo material.

No seu livro, *O Encanto do Sensível: Percepção e Linguagem em um Mundo Mais do que Humano*, David Abram (2012) discute a relação entre a percepção humana e o mundo natural ao nosso redor. Abram explora como nossa linguagem e formas de comunicação estão profundamente ligadas à nossa experiência sensorial e como essa conexão influencia nossa compreensão e interação com o ambiente não-humano. Ele argumenta que nossa cultura moderna muitas vezes nos desconecta dessa relação vital com a natureza, e propõe maneiras de recuperar essa conexão sensorial e revitalizar nosso relacionamento com o mundo natural.

Ambos os autores convergem na ideia de que devemos ir além das características físicas e funcionais dos elementos naturais e nos conectar com suas dimensões simbólicas e sensoriais. Enquanto Bachelard (2009) nos leva a explorar a essência poética e filosófica da água e da infraestrutura, Abram (2012) nos convida a redescobrir nossa relação sensorial com a natureza, destacando a importância de uma comunicação mais profunda e intuitiva com o mundo não-humano. Juntos, eles nos inspiram a valorizar tanto a imaginação quanto a percepção sensorial em nossa interação com o ambiente.

Esta intersecção entre mitos, narrativas mitológicas e ética ambiental oferece uma compreensão profunda da relação entre seres humanos e meio ambiente. Wunenburger (2010) destaca que os mitos não são apenas histórias do passado, mas sim portadores de lições que refletem valores culturais e moldam a identidade de um povo. Taylor (2010), em *Dark Green Religion*, explora o impacto cultural e social das narrativas mitológicas e espirituais relacionadas à natureza. Ele sugere que essas narrativas não apenas moldam nossa percepção do mundo natural, mas também têm o poder de transformar nossa ética ambiental. Ao reconhecer a interdependência de todas as formas de vida, essas narrativas promovem uma visão ampla do ambiente, que valoriza e respeita a diversidade ecológica.

A análise das imagens simbólicas sob a perspectiva da Ecologia Humana, frente à transposição do rio São Francisco revela, na verdade, um intricado ecossistema simbólico, para o qual existe um entrelaçamento de mitos, arquétipos e símbolos de progresso e desafios ambientais. Ao explorar nossa relação com nós mesmos e a natureza por meio dessa perspectiva de estudo, ganhamos uma compreensão mais profunda das conexões emocionais entre os seres humanos e seu entorno (MARQUES, 2023).

Os mitos moldados pelas estruturas que compõem o imaginário destacam a esperança, a superação e conquistas diante de desafios sociais e condições climáticas. Frente a esse contexto

epistemológico, ao adentrar aos estudos da Antropologia do Imaginário, é imperativo estabelecer uma conexão intrínseca com narrativas míticas. Isso ocorre porque as narrativas mitológicas de diferentes culturas não apenas enriquecem nosso entendimento do imaginário humano, mas também destacam a essência mito poética que permeia diversas culturas. Taylor (2010) discute essa questão ao abordar como os mitos e narrativas ecológicas desempenham um papel crucial na formação de atitudes e comportamentos em relação ao meio ambiente. Ele examina como diferentes culturas e movimentos usam histórias mitológicas para transmitir valores ecológicos, promover a conservação e inspirar ações ambientais. Esses mitos frequentemente personificam elementos naturais e transmitem a ideia de que a natureza possui uma agência moral que deve ser respeitada.

Neste sentido, a força do mito se revela como uma lente através da qual construímos valores e crenças que transcendem gerações, oferecendo reflexões sobre nossa percepção em relação à socio biodiversidade do planeta. A convergência entre o mito grego de Prometeu e o mito indígena/cariri de Sumé (SANTOS, 2009) ilustra essa ligação mitológica, que transcende fronteiras culturais e temporais. Apesar de surgirem em contextos históricos e culturais diferentes, é possível notar os paralelos entre ambos os relatos, ou narrativas, que se desdobram na discussão central deste estudo.

O mito grego de Prometeu, que narra a audaciosa ação de trazer o fogo do Olimpo para os mortais, conferindo-lhes conhecimento e habilidades distintas, e a lenda indígena cariri de Sumé (2009), que destaca um líder sábio responsável por introduzir avanços significativos na agricultura e na organização social, compartilham a essência de símbolos que desempenham papéis cruciais na promoção do desenvolvimento humano. Ambos os mitos ressoam na maneira como a humanidade se relaciona com o outro e com a natureza, destacando a importância do simbólico na convivência humana com todo o meio ambiente.

Tanto Prometeu, quanto o mito indígena de Sumé (SANTOS, 2009) são associados a uma era de prosperidade resultante da sabedoria na gestão desse conhecimento. Contudo, uma diferença crucial reside na maneira como essas figuras interagem com as divindades.

Prometeu desafia diretamente o poder de Zeus ao roubar o fogo, enfrentando as consequências de sua rebelião, o que ressalta a complexidade e os desafios da relação entre o humano e o divino, podendo ser comparado nos dias de hoje à nossa relação com todo o ecossistema vivo do planeta. Em contrapartida, Sumé é retratado como um líder benevolente que traz prosperidade à comunidade sem desafiar entidades divinas, buscando uma conciliação, em outras palavras um desenvolvimento sustentável.

Esses aspectos encontrados no mito de Sumé adicionam uma camada de compreensão ecológica e ética, destacando a importância de valores como respeito à natureza, harmonia e equilíbrio na relação

entre os seres humanos e todo ecossistema terrestre. Observamos também que as narrativas apresentadas nos telejornais não se limitam a uma celebração única desse progresso associado à tecnologia e ao desenvolvimento, pois os desafios ambientais, representados pelo regime diurno (combate), introduzem uma perspectiva crítica de alerta que aparece nas falas e enquadramentos do Bispo Cáppio e dos ribeirinhos.

Ao trazer essa relação com a natureza e a intervenção humana na ordem natural do rio, as reportagens incorporam também imagens arquetípicas comparáveis ao mito Iorubá de Exu (PRANDI, 2001), o mensageiro divino e guardião dos caminhos. Semelhante a Hermes na mitologia grega, Exu, na mitologia Iorubá atua como intermediário entre seres humanos e deuses, facilitando a comunicação e o intercâmbio espiritual.

A associação de Exu a este estudo é importante e consolida as pesquisas no campo do imaginário. Isso porque, ao comparar Exu ao telejornal, destacamos a ideia de travessia de fronteiras e mediação entre forças opostas. Estes são temas centrais nas reportagens sobre a transposição e refletem nossa relação ambivalente entre conservação e progresso. O mito de Exu, como mensageiro divino e guardião dos caminhos, serve como uma metáfora para a função do telejornal, ou jornalismo como um todo, na exposição dessas dualidades e na promoção de um entendimento mútuo. Esse mito nos remete à mediação entre forças opostas que aparecem na construção das narrativas apresentadas sobre a transposição, informando-nos e revelando nossa relação ambivalente entre a conservação/cuidado e o progresso – (preservar para ter ou conservar para conviver).

Essa dualidade é reflexo da complexidade da nossa atual relação com o meio ambiente, e revela a dicotomia, ou seja, esses dois contextos, para qual um está associado à necessidade de conservar para conviver, e o outro está na busca pelo desenvolvimento estimulado pelo capitalismo de modo prático e utilitário.

Neste contexto, a produção jornalística traz mensagens que expressam esses dois mundos e as tensões contemporâneas de conservação e avanço, oferecendo uma reflexão sobre a nossa cultura, nossas crenças e valores, que influenciam nas decisões em relação a toda a vida na Terra. Assim como Prometeu e Sumé, o mito de Exu, o mensageiro, está entrelaçado nas análises desta pesquisa, desempenhando um papel fundamental na importância da mídia em promover uma comunicação de entendimento mútuo em prol de toda a socio biodiversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas nos permitiram observar que a narrativa midiática que aborda a chegada das águas do rio São Francisco à Paraíba, ou mesmo o protesto do religioso contra a transposição dessas águas, transcende o mero papel técnico e informativo do telejornalismo.

A partir deste estudo, apoiado tanto nas referências da Ecologia Humana quanto na Antropologia do Imaginário, compreendemos que o telejornalismo, enquanto produto cultural marcado por um discurso retórico de objetividade e imparcialidade, é, na verdade, influenciado por elementos simbólicos e culturais na produção de suas reportagens com temáticas socioambientais.

Através da Mitocrítica, metodologia desenvolvida nos estudos da Antropologia do Imaginário, foi possível encontrar os Mitemas, Mitologemas e a Narrativa Canônica presentes nas reportagens e notas cobertas. Com isso, percebemos que existe um apelo dos jornalistas a imagens coletivas universais (arquétipos) e que essas imagens se adaptam a cultura de cada sociedade. Essa constatação pôde ser observada nos diversos enquadramentos visuais e temáticas encontradas nos textos analisados, que fazem associações das personagens da narrativa midiática com figuras simbólicas e arquetípicas, do herói, do combate, da renovação, do progresso e até da promessa não cumprida.

Esses arquétipos, símbolos e mitos presentes em diversas culturas e povos nos revelaram como a transposição do rio São Francisco não representou apenas um projeto de engenharia, mas uma narrativa carregada de significados que afetam profundamente as comunidades locais e o meio ambiente. Através da nossa análise se pôde observar que a chegada das águas ao Cariri Paraibano não simbolizou tão somente a solução para o problema da escassez de água, mas também a esperança de uma vida melhor e mais digna para os habitantes da região.

Por outro lado, o protesto do Frei Luís Flávio Cáppio contra a transposição, em sua greve de fome, evocou a figura arquetípica do herói sacrificial, alguém que se coloca em risco por uma causa maior, este ato de resistência também representa o combate contra forças vistas como opressoras ou injustas, ressoando com narrativas de luta e resistência encontradas em diversas culturas. A figura do Frei Cáppio se torna um símbolo poderoso de oposição e resiliência, destacando o impacto humano e emocional das decisões ambientais e de desenvolvimento. A cobertura jornalística ao falar dos atrasos e dificuldades no projeto também refletiu a desilusão e o sentimento de promessas não cumpridas, comuns em muitas iniciativas ambientais e que foram incorporadas ao discurso de vários nordestinos, como a narrativa oficial dos acontecimentos.

Ao relacionar esses elementos simbólicos presentes no telejornal, fizemos através da Mitocritica uma associação dos mesmos com outras narrativas culturais, a fim de encontrarmos uma fundamentação para nossa pesquisa, haja vista que compreendemos o telejornal como um produtor de sentidos

atravessados por imaginários coletivos. Diante disso, encontramos no mito grego de Prometeu, no mito indígena de Sumé e no mito Iorubá de Exu, a existência de uma estrutura simbólica presente em vários produtos culturais para falar dessa interação ser humano/meio ambiente. Prometeu, mito grego, ao roubar o fogo dos deuses para dar aos humanos, simboliza a busca pelo progresso e o sacrifício necessário para alcançar grandes feitos. Sumé, divindade indígena, é o grande civilizador e representa a figura do mestre e do guia que traz sabedoria, transformação e respeito a toda a biodiversidade. Exu, o mensageiro dos deuses, é a personificação da comunicação e das encruzilhadas, destacando a dualidade e a complexidade das narrativas humanas ao falar das questões socioambientais.

Essas figuras míticas, cada uma em sua tradição, momento histórico e contexto sociocultural representam não apenas histórias antigas ou fábulas, mas também lições e modelos profundos da relação entre o ser humano e todo o ecossistema na Terra. Isto ressalta a importância desta pesquisa, que ao trazer uma Mitocrítica Socioambiental, explora não apenas o aspecto factual e técnico do projeto de transposição das águas do rio São Francisco, considerado importante, mas também as dimensões estéticas e simbólicas transmitidas nas reportagens com temáticas socioambientais.

Estudar mitos e símbolos nestas questões nos permite um desprendimento dos ângulos positivistas alicerçados na ciência moderna e na filosofia racionalista. Perspectivas em que também se baseia o próprio ethos e discurso do jornalismo, vendido sob um verniz de objetividade que indica um olhar neutro sobre os fatos.

Apesar de não estarem dentro desses cânones modernos e racionalistas, os estudos da Antropologia do Imaginário e da Ecologia Humana produzem um sentido epistemológico necessário para pesquisas com temáticas sociais em diversos campos. Isso possibilita uma compreensão mais profunda das narrativas e percepções que refletem a opinião pública e as políticas ambientais, contribuindo para estratégias mais eficazes de sensibilização e mobilização em prol da sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ABRAM, D. **The spell of the sensuous**: Perception and language in a more-than-human world. London: Vintage, 2012.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 2009.

BACON, F. **Novum organum**. Paris: PUF, 2010.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **La construcción social de la realidad**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2012.

CAVALCANTI, A. P.; CAVALCANTI, C. A. **O que é o imaginário?** Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durant. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

DAVID, R. S. "Sem folha não há orixá: Aproximações entre a umbanda e a educação ambiental". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 12, n. 34, 2022.

DUNK, T. "Talking about trees: Environment and society in forest workers' culture". **Canadian Review of Sociology and Anthropology**, vol. 31, n. 1, 1994.

DURAND, G. "Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, análise e mitocrítica". **Revista da Faculdade de Educação**, vol. 11, n. 12, dezembro, 1985.

DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arque tipologia geral. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

DURAND, G.; MAFFESOLI, M. **Les mythes fondateurs de la franc-maçonnerie**. Paris: Dervy, 2024.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2014.

GLEISER, M. **O Despertar do Universo Consciente**: Um Manifesto para o Futuro da Humanidade. Rio de Janeiro: Editora Record, 2024.

GOMES, E. S. L. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes**: quando a imaginação molda o social. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

HARARI, Y. N. **Sapiens**: A brief history of humankind. New York: Random House, 2014.

HARVEY, G. **Listening people, speaking earth**: Contemporary paganism. Hurst: NYU Press, 1997.

HEISE, U. K. **Imagining extinction**: The cultural meanings of endangered species. Chicago: University of Chicago Press, 2019.

IOVINO, S.; OPPERMANN, S. **Material ecocriticism**. Indiana: Indiana University Press, 2014.

JORNAL NACIONAL. "Águas chegam a Paraíba 2017". **Nelson Vinencci** [2017]. Disponível em: <www.youtu.be>. Acesso em: 10/03/2024.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1996.

LINS, E.; MORAES, H. J. P. (orgs.). **Trilhas do Imaginário**: (Re)visitando espaços e memórias. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

MAFFESOLI, M. "O imaginário é uma realidade". **Revista Famecos**, vol. 1, n. 15, 2001.

PAVÓN, I. "El imaginário: revisitando la obra de Gilbert Durand". **Imagonautas: Revista Interdisciplinaria sobre Imaginarios Sociales**, vol. 13, 2019.

PITTA, D. P. R.; ALMEIDA, R.; REIS, A. B. (orgs.). **Imaginário do Envolvimento - Desenvolvimento**. São Paulo: Editora da USP, 2023.

PRANDI, R. "Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu". **Revista USP**, n. 50, 2001.

REK, M.; MARINI, M. J. "Gestão socioambiental na administração pública: uma análise de instrumentos legislativos aplicáveis ao âmbito institucional". **Colóquio – Revista do Desenvolvimento Regional**, vol. 16, n. 1, 2019.

SÁDABA, T. "Origem, aplicación y límites de lá" teoria del encuadre" (framing) en comunicación". **Commicación y Sociedad**, vol. 14, n. 2, 2001.

SANTOS, J. S. **Cariri e Tarairiú?**: Culturas tapuias nos sertões da Paraíba (Tese de Doutorado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2009.

SILVA, J. M. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

TAYLOR, B. R. **Dark green religion**: Nature spirituality and the planetary future. California: University of California Press, 2010.

TV GRANDE RIO. "Início Greve de fome". **Informa Rio São Francisco** [2015]. Disponível em: <www.youtu.be>. Acesso em: 30/05/2024.

WUNENBURGER, J. J. **Le sacré**. Paris: PUF, 2010.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 18 | Nº 53 | Boa Vista |2024

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima